

Canoas, Edição especial, comemorativo aos 10 anos do Doutorado em Educação, 2024

 <http://dx.doi.org/10.18316/recc.espi1.12275>

Estudos sobre autoridade e educação: Diálogos com a produção acadêmica na área

Studies on authority and education: Dialogues with academic production the area

Jeferson Luís da Silva¹

Elmer Erico Link²

Resumo: Este trabalho tem o intuito de orientar uma proposta de estudo complementar, adotando como referência as evidências apresentadas em nove (9) trabalhos produzidos sobre o fenômeno da autoridade na Educação da atualidade. Foram examinadas cinco (5) dissertações de Mestrado e quatro (4) teses de Doutorado, selecionadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, considerado o período entre 2009 e 2019. Depreende-se dos trabalhos analisados, uma potencial carência de reconhecimento intersubjetivo e pertencimento social no âmbito das relações entre professores e alunos. A discussão do material selecionado e examinado indica e justifica o potencial de elementos da teoria do reconhecimento intersubjetivo de Axel Honneth e o estudo da compreensão intersubjetiva presente na hermenêutica gadameriana, para ampliação do debate na área. No que toca aos procedimentos, a pesquisa foi desenvolvida por meio de um ensaio teórico, associado à coleção e exame de comentários/discussões de jovens estudantes, a partir de situações-problema concretas da realidade escolar evidenciadas em vídeos no Youtube, com interpretação por Análise Textual Discursiva (ATD).

Palavras-chave: autoridade, hermenêutica, educação, reconhecimento, crise.

Abstract: This work aims to guide a complementary study proposal, adopting as reference the evidence presented in 9 studies produced on the phenomenon of authority in education today. Five (5) Master's dissertations and four (4) Doctoral theses were examined, selected in the Capes Theses and Dissertations Catalogue, considered the period between 2009 and 2019. It is insurred from the analyzed works, a potential lack of intersubjective recognition and social belonging in the context of the relations between teachers and students. The discussion of the selected and examined material indicates and justifies the potential of elements of Axel Honneth's theory of intersubjective recognition and the study of intersubjective understanding present in Gadamerian hermeneutics, to broaden the debate in the area.. About procedures, the research was developed through a theoretical essay, associated with the collection and examination of comments/discussions of young students, based on concrete problem situations of school reality evidenced in videos on Youtube, with interpretation by Discursive Textual Analysis (ATD).

Keywords: authority, hermeneutics, education, recognition, crisis.

¹ Universidade La Salle, Brasil. E-mail: pu3osi@gmail.com

² Universidade La Salle, Brasil. E-mail: elmerlink@gmail.com

INTRODUÇÃO

O fenômeno da autoridade tem sido estudado e discutido ao longo dos anos por diversas áreas do saber; filosofia, sociologia, psicologia, educação, entre outras, cada qual com seu direcionamento conforme especificidade da área. No âmbito da educação e suas formas de organização, uma dificuldade crescente na escola se destaca quanto ao exercício de autoridade dos professores e representantes institucionais, sobretudo, pela acelerada mudança de configuração das relações sociais e seus valores.

Contudo, é possível ponderar que mudanças socioculturais aceleradas possam produzir desorientação, dificultando de diferentes maneiras os relacionamentos e os processos de compreensão e transformação, frente ao que é demandado junto ao fenômeno vivenciado, estimulando de alguma forma novos sentidos. Sob este ponto de vista, de uma possível desorientação das relações sociais e seus respectivos papéis, é possível considerar algum enfraquecimento do próprio sentido de pertencimento social, culminando entre outras coisas numa crise de reconhecimento das práticas de organização da sociedade e da própria escola.

Segundo Engels (1873), não existe organização social sem algum tipo de autoridade. Deste modo, como forma de organização, o fenômeno da autoridade é uma questão importante, nos diversos contextos em que se intenciona melhor compreender as relações sociais enquanto configurações complexas e em constante transformação, sendo ao mesmo tempo, causa e efeito das diferentes formas do viver junto.

No âmbito da Educação, configurar um ambiente propício para práticas pautadas na integração social enquanto sentido de pertencimento, não tem se mostrado uma tarefa fácil, por um tipo de desorientação que produz em alguns ambientes escolares autoritarismos, desentendimentos e violência, dificultado algum tipo de disposição ao respeito mútuo.

É na admissão da ocorrência de uma rápida mudança nas relações sociais, com o surgimento de alguns contextos pautados pela desorientação do sentido de pertencimento social, que entendemos como relevante o debate e a pesquisa sobre o fenômeno da autoridade enquanto possibilidade de novas formas de organização, e de relacionamentos, culminando igualmente em novas práticas de autoridade no ambiente escolar.

Chama atenção, a necessidade psicológica de pertencimento social enquanto caminho para o reconhecimento de um tipo intersubjetivo de prática de autoridade. Uma possível carência de reconhecimento do pertencimento social tem sido relatada por alunos e professores que se percebem excluídos e não valorizados no ambiente escolar, o que culmina em alguns casos, em práticas de intolerância como resposta em um tipo de reivindicação pelo reconhecimento intersubjetivo.

É na intenção de colaborar com o debate sobre o fenômeno da autoridade no contexto escolar e seu papel na produção de pertencimento social, pautado na valorização do respeito e do diálogo enquanto possibilidade de compreensão e organização das relações sociais intersubjetivas, que nos perguntamos sobre a construção de sentidos de autoridade dos jovens no ensino médio.

À vista disso, buscamos encontrar, em 20 de abril de 2020, no catálogo de Teses e Dissertações, administrado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), investigações relacionadas com ambientes escolares e práticas de autoridade, com o propósito de localizar pesquisas já realizadas sobre o tema, possibilitando reconhecer as discussões acumuladas na área e propor avanços ao debate sobre o tema.

Ao inserir o descritor “autoridade”, encontrou-se um total de 2.454 trabalhos, dos quais 714 estão na categoria “doutorados”, 1572 em “mestrados”, 171 em “mestrado profissional” e 34 na categoria “profissionalizante”, produzidos no período compreendido entre 2009 e 2019.

Na medida em que possuímos um maior interesse em produções de pesquisas oriundas dos Programas de Pós-Graduação em Educação, aplicamos na busca pelo termo “autoridade”, o filtro para seleção de trabalhos desses programas no marcador “Nome programa → Educação”, resultando 237 pesquisas, onde 153 são de mestrado e 84 de doutorado. Desse total, 147 trabalhos estão disponíveis diretamente na Plataforma Sucupira em uma diversidade de estudos, alguns distantes de nossa intenção de pesquisa.

Diante dos resultados diversos e tendo como critério encontrar investigações que sinalizam como as interações sociais são percebidas no cotidiano da escola por seus integrantes, enquanto discussão sobre o que foi vivenciado, realizamos nos 147 trabalhos.

O procedimento foi através de busca manual com leitura do título e resumo, encontrando com esse procedimento 9 investigações que buscam analisar como se configuram as relações sociais no ambiente escolar e sua organização no âmbito das práticas de autoridade, sendo aqui apresentados conforme tabela 1.

Quadro 1. Trabalhos selecionados

Título	instituição	ano	Nível
Vozes da comunidade - Os sentidos da escola na contemporaneidade: um estudo junto a uma comunidade escolar da rede pública estadual da cidade de Contagem-MG	PUCMG	2013	Mestrado
O lugar da violência na relação professor e alu-no: concepções de adolescentes e professores de uma escola de ensino médio	UCB	2014	Mestrado
As relações de autoridade na escola e na família segundo os adolescentes	PUCSP	2014	Mestrado
Governamentalidade e autoridade na educação: a conduta ética como ação política em Foucault	UFRGS	2015	Doutorado
Jovens alunos e suas relações com a sala de aula	UNESP	2015	Mestrado
Poder e autoridade na convivência escolar	PUCPR	2014	Mestrado
Autoridade enfraquecida, violência escolar e trabalho pedagógico: a percepção de professores sobre a ruptura dos vínculos de afeto e os mal es-tares no magistério	UFSCar	2014	Doutorado
Autoridade docente no ensino fundamental: a es-cuta de atores de uma escola pública do Distrito Federal	UCB	2014	Doutorado
Representações sociais dos alunos do 9º ano com indícios de minorias ativas em relação à indisciplina escolar	UEPG	2014	Doutorado

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Com a intenção de melhor contextualizar, dispomos nas próximas linhas uma breve apresentação dos trabalhos listados na tabela 1, em uma sequência que inicia com a valorização do papel da escola.

Seguido com uma reflexão sobre governamentalidade, que aponta para o diagnóstico de um tipo de exclusão nas relações escolares. Essa análise é complementada pelos demais trabalhos que relatam experiências de exclusão e ponderam, em diferentes escolas e contexto de pesquisa, sobre percepções e motivações de alunos e professores frente ao que foi vivenciado nas respectivas escolas pesquisadas.

Intolerância e autoritarismo: exclusão e reivindicações por reconhecimento

Na dissertação de mestrado defendida em 2013 por Lucilene Fatima Rodrigues, onde se buscou compreender os sentidos atribuídos à escola, com a coleta de depoimentos e entrevistas com professores, alunos, funcionários em geral e familiares, em uma comunidade escolar da rede pública estadual de Contagem, Minas Gerais, a pesquisadora avalia que o resultado obtido com o material coletado permite indicar que:

[...] esse lugar chamado escola é importante para os sujeitos pesquisados. Uma vez que foi considerada pelos alunos como lugar de estudar e aprender para se ter um futuro melhor, mas, também, para fugir dos problemas de casa, encontrar os amigos, brincar, “zoar” e “ser alguém na vida”! As professoras, os supervisores, a diretora e a vice-diretora, em suas entrevistas (formais e informais), consideraram, por suas vezes, que atuar na área da educação vale a pena, mas requer um alto grau de força de vontade, determinação e amor pela profissão. Para eles, questões que envolvem as péssimas condições de trabalho e estudo, além do salário defasado, assim como a questão da autoridade do professor frente aos alunos tencionam ainda mais seu campo de atuação e impactam negativamente no desenvolvimento de seu trabalho (Rodrigues, 2013, p. 102).

Este prisma de reconhecimento e valorização do ambiente escolar, igualmente aparece na dissertação de mestrado de Elaine Aparecida Pereira, defendida em 2014, onde foi usado o procedimento de coleta de dados com grupo focal, além da aplicação de questionário contendo questões abertas e fechadas com 12 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

No ambiente pesquisado, Pereira (2014, p. 6) esclarece que:

Os resultados da pesquisa indicam que os adolescentes encontram-se numa posição de heteronomia frente à autoridade exercida sobre eles, tanto na escola como na família, e que valorizam e anseiam pela autoridade mesmo quando esta se manifesta na forma de autoritarismo; além disso, a autoridade presente nas instituições é legitimada pelos adolescentes por ser considerada como um elemento importante para a sua formação e adaptação às exigências sociais.

Um resultado similar ao encontrado por Pereira (2014) é apresentado na dissertação de Sergio Augusto Gouveia Junior, defendida em 2015, tendo o grupo focal, bem como, entrevistas e questionários fechados como instrumentos para coleta de dados, aplicados em uma escola pública de Ensino Médio do município Presidente Prudente, São Paulo.

Nos resultados encontrados por Junior (2015, p. 7) é possível afirmar que:

[...] a maioria dos jovens alunos entrevistados gostam do que fazem em sala de aula e não deixariam de frequentar a escola, mesmo que ela não fosse uma obrigação imposta pelo Estado. Eles dizem que o conteúdo estudado em sala de aula é importante, reconhecem a autoridade dos professores, querem mais diálogo com a direção da escola, consideram que os conteúdos explorados em sala de aula são importantes para a vida, querem mais seriedade e mais compromisso dos professores e de seus colegas de turma.

As dissertações analisadas revelam uma certa satisfação e valorização do cotidiano escolar. No entanto, também apontam para obstáculos nas relações intersubjetivas, ainda que de forma sutil.

Em Junior (2015), observa-se a reivindicação por mais seriedade e compromisso por parte de colegas e professores. Já Rodrigues (2013) destaca as dificuldades com as condições de trabalho, baixos salários e a tensão pelo uso da autoridade do professor.

Por isso, é possível ponderar que, apesar do resultado positivo de uma valorização da escola pelos participantes das pesquisas, dificuldades diversas parecem enfraquecer no ambiente escolar o surgimento de um reconhecimento mútuo intersubjetivo, ocasionando momentos de carência do sentido de pertencimento social. Nesses casos, produz-se um tipo de exclusão motivada pelo distanciamento e tensão na relação professor-aluno, favorecendo de um lado autoritarismos, do outro, indisciplinas.

É na possibilidade de um tipo de exclusão caracterizada por autoritarismos e indisciplinas, que o ensaio teórico desenvolvido em 2015 por Antonio Luiz de Moraes, ao analisar fragmentos de decisões judiciais, legislações, documentos diversos e cenas escolares, conclui que é possível detectar uma notória e significativa mudança na relação professor-aluno e na maneira de exercer autoridade na atualidade, em relação com essa prática no passado.

Moraes (2015) adota em sua tese de doutorado como principal orientação de suas reflexões o pensamento foucaultiano, onde o conceito de governamentalidade tem uma forte referência com uma ética do sujeito. Desta forma, poder e dominação são distintos. Se domesticação e violência são consequências próprias da dominação, o poder se diferencia por ser uma consequência de estratégias praticadas em jogos sociais elaborados e protagonizados por pessoas livres.

Na complexidade dos jogos sociais, jogos de poder, que ocorrem entre pessoas livres, a produção da verdade enquanto referência para conduta adquire um potencial de legitimidade. Essa legitimidade se consolida quando existe um vínculo estreito entre o dizer e o fazer, ocasião em que o discurso se torna Ethos, conduta ética enquanto ação política.

Sendo assim, o governo dos outros, demanda igualmente, o governo de si. Nesse contexto, o comportamento exemplar, ético, possibilita um valor de legitimidade, fortalecendo a credibilidade do indivíduo e influenciando positivamente as relações sociais.

Em seu trabalho, Moraes (2015) pondera a possibilidade de uma tendência de enfraquecimento da legitimidade da autoridade na Educação, que ocorre, em parte, motivada pela propagação de uma ideia de autoridade fundamentada numa imagem de força e lei, onde o governo dos outros é pensado como conduta desvinculada do governo de si.

Uma das consequências ao se desvincular o governo de si, do governo dos outros, consiste no risco em se confundir dominação com relações de poder, caindo no esquecimento essa distinção, onde em sentido foucaultiano:

O exercício do poder não é um modo de ação que age direta e imediatamente sobre os outros, mas é um modo de ação que age sobre a própria ação de uns e de outros. O exercício do poder, então, se define como um conjunto de ações sobre ações possíveis. É sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos; é uma ação livre sobre ações livres. (Moraes, 2015, p. 44).

Em Moraes (2015) é possível ponderar, em muitas situações, uma confusão no cotidiano da escola, entre dominação e poder, oriunda entre outras coisas, de uma insegurança do professor consigo mesmo, manifestada como diminuição da convicção do valor político da conduta ética. Onde uma parcela de professores não teria uma relação de soberania consigo mesmos, as consequências poderiam levar, quando motivados por um certo sentimento de insegurança, a trilhar um caminho impulsivo, pautado na dominação, autoritarismo.

Essa ponderação teórica sobre a governamentalidade e uma possível confusão entre dominação e poder, com a configuração de um clima tenso e autoritário na escola, incluindo a perda da legitimidade da autoridade do professor pela carência de um Ethos, é um contexto também apontado por Ugolini (2018) em sua pesquisa.

Edna Ugolini, buscou investigar quais os principais fatores que exercem influência sobre a mudança na autoridade docente exercida em uma escola do Distrito Federal. Para essa tarefa

optou, em sua tese de doutorado, por registrar as percepções de alunos, professores, equipe administrativa e pedagógica, tendo como caminho a prática de grupos focais, entrevista semiestruturada e análise documental.

Chama atenção a realidade presenciada por Ugolini (2018, p. 8), ao descrever que:

A equipe pedagógica e administrativa executava serviços burocráticos cumprindo ordens dos gestores, sendo inflexíveis e mau educadas com os estudantes. [...] A maioria dos professores não tinha domínio de turma. [...] Os resultados evidenciaram o exercício da autoridade burocrática, com condutas autoritárias adotadas pelos professores. [...] Os estudantes, segundo suas falas, não tinham oportunidade de se expressarem, eram coagidos, sofriam ameaças e recebiam notificações disciplinares devido ao mau comportamento.

Uma questão apresentada por Ugolini (2018) que possui proximidade com as reflexões de Moraes (2015) consiste na constatação de um governo do tipo autoritário, com conduta desvinculada do governo de si, em uma clara divisão entre “nós” e “eles”. Em especial, pelo distanciamento da escola em relação aos alunos, onde segundo Ugolini (2018, p. 127):

A Não existia o interesse da escola em ouvir os adolescentes. A escola não procurava identificar a necessidade dos estudantes, que reclamavam por este espaço. Infelizmente, a falha do reconhecimento descaracterizou a função da escola de ser um espaço de manifestação pacífica, prova disso, eram a existência de câmeras nas salas de aula direcionadas somente aos alunos.

A pesquisadora percebeu que sua vivência naquela escola “revelou o quanto a escola necessita ser repensada e reinventada quando se trata da autoridade docente” (UGOLINI, 2018, p.27). A autora sinaliza a importância de novos estudos sobre o tema, com a intenção de possibilitar novas abordagens. Constata que existe um sério problema de relacionamento entre a escola, alunos e professores, gerando situações favoráveis ao surgimento de variadas formas de violência e intolerância, praticadas por todos os envolvidos com o cotidiano daquela escola pesquisada.

Assim como em Moraes (2015), a carência de um *Ethos* também é algo que Ugolini (2018) parece identificar quando pondera sobre o discurso da escola em contraste com seu posicionamento concreto, assim descreve a autora:

A escola pregava a democracia, mas nela os estudantes não podiam exercê-la. No momento em que souberam da nossa pesquisa, os estudantes aproveitaram para desabafarem e revelarem toda a impotência verbal a que eram circunscritos. Assim, os estudantes denunciaram os problemas escolares e as intimidações que sofriam. O maior problema da escola tratava-se do contraste entre as normas rígidas pelo autoritarismo dos adultos e a fragilidade dos adolescentes. (Ugolini, 2018, p. 126).

Essa possível confusão entre dominação e jogos de poder, ponderada por Moraes (2015) e vivenciada por Ugolini (2018), em um clima tenso com ruptura de vínculos entre alunos e professores, novamente é abordada pela percepção de alguns professores no estudo de Pereira (2016).

Enquanto Ugolini (2018) identifica no ambiente pesquisado um clima pouco favorável ao diálogo por parte da escola e seus representantes em relação aos alunos, Pereira (2016), ao investigar em sua tese de doutorado as ligações existentes entre desautorização e violência escolar contra o professor, identifica na percepção dos professores uma origem externa para

essa ruptura. Foi adotado como caminho pelo autor uma perspectiva de estudo de caso, com levantamento documental e entrevista semiestruturada.

Na análise do material produzido pelos participantes do estudo, o pesquisador concluiu que a maioria dos professores percebe que existe uma ruptura do vínculo entre professor e aluno, por motivos externos, onde esses professores:

Afirmaram que, pelo fato de crescerem hoje em famílias “desestruturadas”, sem boas referências de autoridade, e em ambientes muito hostis ou excessivamente permissivos, os alunos têm grande dificuldade de reconhecer as autoridades educacionais e de se adequar às rotinas escolares que exigem concentração, esforço, memorização, disciplina. Quando contrariados em seus desejos, ou diante de situações de conflito, os alunos não tardam em desferir ataques e usar de violência contra colegas de sala ou mesmo contra o professor, tal qual fazem ou são submetidos no meio em que vivem. Essa situação, ao que indicaram os professores, tem-se agravado pela flexibilização das leis, tornadas excessivamente tolerantes com os alunos, nos últimos tempos, criando um ambiente de impunidade favorável ao aumento da violência. Asseguraram ainda que esse clima acirrado de tensão e conflito tem interferido negativamente na relação pedagógica e comprometido a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. (Pereira, 2016, p. 234).

Sob esta perspectiva, o autoritarismo identificado por Ugolini (2018) pode surgir na concepção de alguns profissionais da educação como algo “necessário” ao equilíbrio de forças, uma vez que os professores sem o apoio institucional e amparo jurídico, “se queixaram de que, sem autoridade, se convertem em alvos de humilhação e violência dos alunos, e por isso se sentem inseguros e com medo, nas escolas onde trabalham” (Pereira, 2016, p. 234).

Para Pereira (2016), o ambiente observado, onde ocorrem as queixas dos professores e suas convicções em relação aos alunos, além de favorecer confrontos e dificultar o diálogo, esconde outras questões mais complexas:

[...] a fala queixosa e enfática do professor sobre a decadência da autoridade e o aumento da violência, assim como a culpabilização da família e do meio em que os alunos vivem pelos problemas que ele enfrenta na escola, parecem revelar muito mais que uma simples constatação de incidências, de culpados, ou de causas e efeitos perceptíveis. Os dados analisados na pesquisa indicam que essas reclamações relutantes: [...] expressam também uma espécie de denúncia da precarização da profissão docente e do descaso em relação à educação escolar. [...]. Representam ainda uma tentativa, até certo ponto desesperada, de significar suas angústias diante do fracasso dos investimentos emocionais no trabalho e da frustração em relação às expectativas profissionais não atendidas. [...]. Podem ser, além disso, um recurso para justificar ou encobrir, na prática, a desistência psicológica e física de seus investimentos no trabalho. [...]. Daí emergem, por exemplo, a indisposição para mudanças e inovações; o distanciamento e a dessensibilização nas relações; as posições irredutíveis, altamente críticas e pessimistas em relação ao outro e ao trabalho (Pereira, 2016, p. 237).

Todavia, é possível observar um contexto que favorece variada carga de sentimentos como frustração, angústia, vergonha, insegurança, entre outros fenômenos afetivos, causando desorientação enquanto confusão de sentidos, com possível tendência ao impulso de dominação por parte dos professores e escola. No diagnóstico de Ferreira (2019), essa desorientação e forte regulação, parece estimular nos alunos a necessidade de uma forma de resistência às normas escolares, culminando em alguns contextos num comportamento indisciplinado e provocativo.

Na construção de sua tese de doutorado publicada em 2019, Adriano Charles Ferreira investigou as representações sociais dos alunos do nono ano do ensino fundamental em seis escolas da rede pública de Ponta Grossa, Paraná. Para isso, utilizou análise de conteúdo, entrevistas e grupos focais, e concluiu que é possível sinalizar evidências, nas instituições

estudadas, de uma postura verticalizada das escolas e professores, estimulando um ambiente de luta e resistência por parte dos alunos, algo que se manifesta na forma de indisciplina por uma parcela de estudantes.construção.

Ferreira (2019, p. 184) pondera que foi possível evidenciar que:

Os alunos reclamaram e foram incisivos ao apontar situações em que os professores não respeitavam as regras escolares, deixando os alunos com uma revolta muito grande, pois a regra é uma obediência que se deve apenas aos alunos. A crise da autoridade docente é outro fator que ocorreu, o professor foi anômico e se omitiu de sua posição de autoridade deixando que as situações aconteçam de forma livre sem qualquer posicionamento e ação do mesmo em atos de indisciplina. Os estilos comportamentais que se destacaram foram novamente a consistência e rigidez, por não concordarem com as ações e omissões por parte dos professores. As opiniões representaram reclames muito incisivos e persistentes em rejeitar as ações dos professores em relação a indisciplina.

De acordo com Ferreira (2019, p. 21), “a indisciplina pode ser uma forma de autonomia e resistência no contexto educacional”, em especial, pela forma e tom autoritário utilizado na aplicação das normas escolares e ausência de um comportamento consistente com o discurso adotado pelos professores e instituições. Esse contexto de resistência igualmente foi identificado por Roseny Aparecida.

Vieira Pontes em sua dissertação de mestrado onde abordou o lugar da violência na relação professor-aluno, defendida em 2014. Pontes (2014, p. 7) esclarece:

A coleta de dados foi realizada em duas etapas em uma escola pública de ensino médio do Distrito Federal. Na primeira etapa foi realizado um grupo focal composto por 15 (quinze) adolescentes. Na segunda etapa, foi implementada a análise das práticas profissionais com um grupo composto por 09(nove) professores. A análise foi contextualizada a partir dos relatos escritos dos grupos dos adolescentes e dos professores, a partir de eixos temáticos como violência, indisciplina, relação com o conhecimento e a relação professor-aluno. Os resultados indicaram a dificuldade dos professores em lidar com a relação intersubjetiva com seu aluno adolescente e a falta de suporte institucional para que eles possam sustentar o cotidiano da sala de aula.

Do mesmo modo como Ferreira (2019), Pontes (2014) identifica algumas situações de indisciplina e violência como manifestação de resistência ao que é demandado no contexto escolar. A autora relata que no ambiente pesquisado, percebeu uma frustração dos alunos em relação ao fato da escola não ser compreendida por eles como fator de contribuição para ascensão social. Para esses alunos, existia uma ausência de sentido para o que estava sendo estudado, estimulando comportamentos de resistência, produzindo como resposta uma reação autoritária numa parcela de professores.

No ambiente pesquisado, Pontes (2014, p. 50) sinaliza que:

Os professores se sentem desmotivados pela falta de interesse dos alunos diante dos conteúdos ministrados. Os docentes alegam que preparam aulas com atividades diferenciadas, porém a maioria dos alunos não se interessa. A falta de interesse pelos conteúdos favorece situações de conflitos entre professores e alunos adolescentes, deixando o espaço educativo vulnerável às situações de violência, uma vez que os alunos resistem à participação nas atividades propostas pelo professor criando, assim, um ambiente desgastante para o professor que se sente desvalorizado e desqualificado frente à postura dos discentes. Quando a escola e os conteúdos não representam possibilidade de ascensão social, tornam-se sem significado para os alunos, fazendo com que ataquem os conteúdos e demais segmentos que representam a escola.

Pontes (2014, p. 51) pondera sobre um clima de insatisfação generalizada nos professores e alunos, dificultando um relacionamento produtivo e distanciando a possibilidade de diálogo e disposição para colaboração em ambos os protagonistas, ficando evidente a configuração de um ambiente decadente e pautado por ressentimentos, onde:

De um lado, os alunos parecem querer expressar um sentimento de desamparo e não pertença ao espaço escolar, uma vez que relatam que os professores não lhes dão atenção e muitas vezes, os ignoram em algumas situações. Do outro lado, os professores relatam que, diante da indisciplina dos alunos, preferem manter uma relação mais distante, pois temem que uma maior proximidade possa ser entendida pelos alunos como liberdade e abertura para falta de respeito e inversão de valores.

Tanto Ferreira (2019) como Pontes (2014) identificam em suas respectivas pesquisas, que certos comportamentos de professores e alunos escondem uma complexa relação pautada por frustrações e ressentimentos que impedem uma parceria saudável, um fazer juntos.

Essa dificuldade de relacionamento aparece retratada e discutida na dissertação de mestrado defendida em 2016 por Juliana Battistus Mateus Ferreira, que buscou compreender como as relações de poder se apresentam na convivência escolar do Ensino Médio, com aplicação de questionário e análise fundamentada pela hermenêutica gadameriana em 12 escolas de ensino médio no município de Curitiba, Paraná, totalizando uma coleta de percepções de 420 alunos.

Ferreira (2016, p. 8) esclarece que foi possível observar no material coletado, em sua pesquisa, um desejo dos alunos por “convivência escolar onde haja a prevalência do respeito quanto às diversidades inerentes ao contexto, mas não reconhecem maneiras de efetivá-lo”. Para autora ficou evidente que:

As condutas mais comuns nas escolas são as autoritárias, e não é raro que a regulação nesses ambientes se apresente por meio dos dispositivos de vigilância, punição, adestramento e docilização, todas com vista ao controle, e se estendem para fora delas. (Ferreira, 2016, p. 110).

As pesquisas de Ferreira (2019), Pontes (2014) e Ferreira (2016) indicam que, apesar do desejo de alteridade, uma parcela de professores e alunos enfrenta dificuldades para concretizá-lo em uma relação de parceria, colaboração e reconhecimento mútuo.

Essa dificuldade sugere a necessidade de estudos complementares para identificar outras pistas que possibilitem a compreensão das complexidades inerentes às relações intersubjetivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos evidenciar neste artigo os trabalhos produzidos entre 2009 e 2019 relacionados com o fenômeno da autoridade na Educação, em especial aqueles que apresentam algumas perspectivas dos alunos e dos professores sobre o cotidiano escolar e as configurações das relações de autoridade enquanto possibilidade de organização e produção de um sentido de pertencimento social.

Dos trabalhos encontrados foi possível referenciar 9 pesquisas que se complementam e apontam para um contexto de dificuldade de reconhecimento intersubjetivo nas relações entre alguns professores e alunos, produzindo como efeito, uma carência de diálogo e ações de intolerância e autoritarismos de ambas as partes, geralmente justificadas como postura de defesa e proteção. Tal entendimento é interpretado por alguns pesquisadores como confusão

entre jogos de poder e dominação, tendo como consequência um clima escolar pouco propício à colaboração e convivência democrática.

Com a finalidade de colaborar com esse debate, complementando o que já foi investigado, observamos que não foram encontradas pesquisas sobre relações de autoridade na escola pautadas nos elementos da teoria das lutas por reconhecimento intersubjetivo de Axel Honneth, somadas aos estudos da compreensão intersubjetiva presente na hermenêutica gadameriana. Desse modo, uma investigação que contemple esses elementos nos parece ter potencial de complementar os estudos já desenvolvidos na área, ajudando no debate sobre o fenômeno da autoridade na Educação, em especial, com a pergunta sobre a construção dos sentidos de autoridade entre os jovens.

Resta como questão fundamental a ser explorada, a partir do diagnóstico de “permanente conflito, crise e tensão” no ambiente escolar, no que toca o tema da autoridade e das relações entre jovens e educadores, quais seriam aqueles conflitos nos quais a luta por reconhecimento está garantida e quais as condições necessárias de mediação, para que sejam efetivamente formas produtivas de criação e expansão das formas de diálogo. Por outro lado, quais outras condições conflituosas reificam apenas as condições destrutivas de afirmação narcísica e vontade de dominação, com suas nefastas consequências de destruição e apagamento do desejo de alteridade.

REFERÊNCIAS

- ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring**, 1873. Tradução: Grupo Acrópolis. Disponível em: <https://www.marxists.org/portuques/marx/1873/03/autoridade-ga.htm>. Acesso em: 17 maio. 2020.
- FERREIRA, Adriano Charles. **Representações sociais dos alunos do 9º ano com início de minorias ativas em relação à indisciplina escolar**. 2019. Tese (Doutorado em educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, Paraná, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&i_d_trabalho=7749116. Acesso em: 20 maio. 2020.
- FERREIRA, Juliana Battistus Mateus. **Poder e autoridade na convivência escolar**. 2016. Dissertação (Mestrado em educação) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Paraná, 2016. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&i_d_trabalho=3668614. Acesso em: 20 maio. 2020.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Trad. Flávio Paulo Meurer. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- HONNETH, Axel. **Luta pelo reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003.
- JUNIOR, Sergio Augusto Gouveia. **Jovens alunos e suas relações com a sala de aula**. 2015. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho, Presidente Prudente, São Paulo, 2015. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&i_d_trabalho=2877605. Acesso em: 20 maio. 2020.
- MORAES, Antônio Luiz de. **Governamentalidade e autoridade na educação: a conduta ética como ação política em Foucault**. 2015. Tese (Doutorado em educação) - Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/117824>. Acesso em: 20 maio. 2020.
- PEREIRA, Antonio Igo Barreto. **Autoridade enfraquecida, violência escolar e trabalho pedagógico: a percepção de professores sobre a ruptura dos vínculos de afeto e os mal-estares no magistério**. 2016. Tese (Doutorado em educação) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, São Paulo, 2016. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&i_d_trabalho=7749116

[wTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4259189](#). Acesso em: 20 maio. 2020.

PEREIRA, Elaine Aparecida. **As relações de autoridade na escola e na família segundo os adolescentes**. 2014. Dissertação (Mestrado em educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1702457. Acesso em: 20 maio. 2020.

PONTES, Roseny Aparecida Vieira. **O lugar da violência na relação professor e aluno: concepções de adolescentes e professores de uma escola de ensino médio**. 2014. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2014. Disponível em:

<https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/123456789/773/1/Roseny%20Aparecida%20Vieira%20Pontes.pdf>. Acesso em: 20 maio. 2020.

RODRIGUES, Lucilene Fatima. **Vozes da comunidade - Os sentidos da escola na contemporaneidade: um estudo junto a uma comunidade**. 2013. Dissertação (Mestrado em educação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Minas Gerais, 2013. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=104380. Acesso em: 20 maio. 2020.

UGOLINI, Edna Miranda. **Autoridade docente no ensino fundamental: a escuta de atores de uma escola pública do Distrito Federal**. 2018. Tese (Doutorado em educação) - Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2018. Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6658058. Acesso em: 20 maio. 2020.

Submetido em: 12/12/2024.

Aprovado em: 26/12/2024.